

**O PROJETO *GARRETTONLINE* COMO PROTÓTIPO
EDITORIAL PARA O PATRIMÓNIO POÉTICO
PORTUGUÊS¹**

**THE *GARRETTONLINE* PROJECT AS AN EDITORIAL
PROTOTYPE FOR THE PORTUGUESE POETIC
HERITAGE**

Sandra Boto

Universidade NOVA de Lisboa

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

sandraboto@fcsb.unl.pt

ORCID: 0000-0003-1529-126

Resumo: O projeto *Garrettonline* (www.garrettonline.romanceiro.pt), que edita em ambiente digital o *Romanceiro* do escritor português Almeida Garrett (1799-1854), relança não apenas o papel que cabe à edição filológica digital na difusão dos patrimónios literários, mas

¹ Este estudo integra as atividades do projeto «From the Past to the Future: the platform of the Portuguese folk balladry» (CEECIND/00058/2018), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP; do grupo «Património Literário» do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra; e da *High Performance Computing Chair* — uma infra-estrutura de I&D (sediada na Universidade de Évora; PI: M. Avillez) apoiada pela Hewlett Packard Enterprise (HPE) que envolve um consórcio de instituições de ensino superior (Universidade do Algarve, Universidade de Évora, Universidade Nova de Lisboa, e Universidade do Porto), centros de investigação (CIAC, CIDEHUS, CHRC), empresas (HPE, ANIET, ASSIMAGRA, Cluster Portugal Mineral Resources, DECSIS, FastCompChem, GeoSense, GEOtek, Health Tech, Starkdata) e organizações públicas/privadas (Alentejo Turismo-ERT, KIPT Colab). Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada em novembro de 2021 no âmbito do Colóquio «Editar os Clássicos da Literatura Portuguesa Hoje: Porquê? Para quê? Como?», que teve lugar no Centro Cultural de Cascais, coorganizado pelo IELT | NOVA FCSH e pelo CLP | UC.

suscita ainda algumas questões de ordem crítica e teórica que este estudo discute. Combate-se aqui a ideia preconceituosa de que a edição *online* de obras literárias não converge com os princípios de rigor que só a filologia garante à representação de acervos literários tradicionalmente divulgados em edições associadas ao livro em papel. Mostra-se ainda o potencial do meio digital no que respeita à ampliação do conceito de edição filológica, a partir de exemplos retirados da investigação em curso no projeto.

Palavras-chave: Almeida Garrett, *Romanceiro*, edição digital, patrimónios literários.

Abstract: The *Garrettonline* project (www.garrettonline.romanceiro.pt), which digitally publishes the *Romanceiro* of the Portuguese writer Almeida Garrett (1799-1854), not only relaunches the role of digital philological editing in the diffusion of literary heritages, but also raises some critical and theoretical questions that this study will discuss. We want to combat the preconceived idea that the online edition of literary works does not meet the principles of accuracy that only philology guarantees to the representation of literary collections, traditionally disseminated in editions in printed books. We will also show the potential of the digital medium in terms of expanding the concept of philological edition based on examples drawn from the ongoing research in this project.

Keywords: Almeida Garrett, folk ballads collection, digital scholarship, literary heritages.

1. Ponto de partida: texto digitalizado *versus* texto digital

Sempre que me proponho encetar uma reflexão sobre os caminhos tomados pela edição digital de textos literários, vêm-me à memória algumas máximas a partir das quais tenho procurado orientar o meu trabalho, tanto ao longo da conceção do projeto editorial digital do *Romanceiro* de Almeida Garrett,² como a amparar a reflexão teórica com que procuro enquadrar esse projeto. Uma vez mais, o tão almejado rigor filológico obrigar-nos-á a proceder do mesmo modo, aqui.

Tomaremos como princípio norteador que «A digitised edition is not a digital edition».³ A consequência desta afirmação perentória fica à vista, pois remete os (já clássicos) *e-books* para fora da prateleira das edições digitais. Lembra-nos, ainda, que é, de uma vez por todas, necessário dar o salto «[...] del objeto digitalizado al texto que difunde, a la información que transmite».⁴ Ainda como ponto de partida, cabe uma reflexão que recorda o caráter utilitário da Filologia, o qual tem sido não inocentemente obliterado nos nossos dias: «Yes, there is a science of archival memory. It is philology, an organized method for giving practical access to our inorganic organizations of memory. It is the science whose ground is the long tail of our awkward, fractured, and sinister history.»⁵

2 Em curso na plataforma *Garrettonline*; disponível em <www.garrettonline.romanceiro.pt> (última consulta a 9/7/2022).

3 Patrick SAHLE, “What is a scholarly digital edition?”, in Matthew James DRISCOLL e Elena PIERAZZO (eds.), *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, Open Book Publishers, 2016, p. 27.

4 José Manuel LUCÍA MEGÍAS, “Elogio del texto digital 2.0 (¿el triunfo de la segunda textualidad?)”, in Déborah GONZÁLEZ e Helena BERMÚDEZ SABEL (eds.), *Humanidades Digitales. Miradas hacia la Edad Media Digital. Humanities*. Berlín, De Gruyter, 2019, p. 105. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110585421-008>.

5 Jerome MCGANN, *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*. Cambridge (Massachusetts) — London, Harvard University Press, 2014, p. 41.

Em síntese: estes apontamentos sugerem desde logo que editar digitalmente não pode passar meramente pela disponibilização de imagens de textos (os textos digitalizados que mimetizam, em .pdf ou .jpg, a orgânica do códice), embora possa partir desta e se permita, até, integrar esta componente no produto editorial. Uma vez clarificado este ponto, daremos então o salto para o texto digital, o qual agrega, ao invés do texto digitalizado, toda uma configuração hipertextual que o afasta progressivamente do sistema do livro impresso.

Antevê-se, portanto, que o próprio conceito de textualidade e, por conseguinte, o próprio suporte das edições textuais, ou seja, o livro ou volume, não se manterão incólumes.⁶ A propósito, recordem-se as certas considerações tecidas pelo teorizador da edição digital Peter Robinson, que chama a atenção para a relativa falta de utilidade das edições fac-similares impressas.⁷ Acrescentemos, a esta tomada de posição, a manifesta excelência bibliográfica de muitas das edições fac-similares na divulgação de *corpora* textuais de difícil acesso, que se afigura, contudo, proporcional ao reduzido serviço que as mesmas prestam ao avanço no conhecimento sobre os textos que difundem. Explico em que sentido entendo que o serviço prestado é reduzido: a edição fac-similar assenta num ato de reprodução gráfica (disponibiliza a imagem de um texto) sem que esta passe por processos de leitura que garantam a fiabilidade ou a facilitação do próprio texto editado (de grande relevância sobretudo no caso de obras procedentes de tradições manuscritas ou impressas antigas). Ou seja, o produto editorial (o texto) não é sujeito à aplicação

⁶ Este assunto foi tratado, com ênfase, no caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett, em Sandra BOTO, “Combining Digital Scholarly Edition with Heritage Literature Representations: Learning from Garrettonline’s Experience”, in Jan HORSTMANN e Frank FISCHER, *Digital Methods in Literary Studies*. Edição especial #6 de *Textpraxis* (2022), pp. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.17879/64059432910>.

⁷ Peter ROBINSON, “Towards a Theory of Digital Editions”: *Variants* 10 (2012), p. 127.

de mecanismos de intermediação por parte do editor científico, exceto nos casos em que a edição se faz acompanhar de estudos de qualidade que as iluminem, o que, afortunadamente, ainda acontece.⁸ Em síntese, a ausência desta mediação textual, tão característica das edições fac-similares, pode comprometer, pois, o contrato de aproximação entre leitor e texto que cabe ao editor científico garantir previamente.

Pois bem, semelhante inconveniente é imputável às edições meramente documentais⁹ que proliferam em ambiente digital: prestam um magnífico serviço à disseminação de documentos textuais entendidos enquanto objetos culturais, mas dificilmente vão além desse desiderato. E já não duvidamos, por força da absoluta envolvimento digital que pauta a nossa vivência quotidiana, de que, entre difundir informação *online* e produzir conhecimento sobre essa mesma informação, não se observa qualquer correlação direta. Algo semelhante se aplica à edição de textos, naturalmente. O caminho a percorrer entre uma instância e a outra coincide, então, com a rota que vai da edição digitalizada à edição digital, tipologias às quais se referia Patrick Sahle.¹⁰

8 Recentemente, no âmbito hispânico, é verdadeiramente eloquente o empreendimento editorial levado a cabo no México pela Frente de Afirmación Hispanista. Esta instituição cultural tem vindo a dar à estampa luxuosas edições fac-similadas de cancioneros de romances e romanceiros dos séculos XVI-XVII, verdadeiras joias bibliográficas que surgem acompanhadas de estudos introdutórios de exímia qualidade. O serviço prestado por esta iniciativa à difusão de patrimónios bibliográficos antigos de enorme relevância, munindo-os de esclarecedoras leituras críticas pela mão de alguns dos maiores especialistas no campo do romanceiro antigo, merece, pois, o devido reconhecimento.

9 É necessário esclarecer que, por edição documental, entendemos aqui o arquivo organizado de imagens fac-similadas de obras disponibilizado online. Para uma conceptualização mais elaborada do conceito de edição documental digital, veja-se a classificação proposta por Tiziana MANCINELLI e Elena PIERAZZO, *Che cos'è un'edizione scientifica digitale*. Roma, Carocci editore, 2020, pp. 19-24.

10 P. SAHLE, op. cit., p. 27.

2. A edição digital aplicada ao *Romanceiro* de Almeida Garrett (1799-1854)

2.1. Considerações metodológicas

Com este esclarecimento bem presente, iremos, então, tomar como ponto assente que o tão afamado *digital turn* não deixou indiferente (nem incólume) a prática filológica de mediação do acesso aos patrimónios literários portugueses. Com esta afirmação, penso em concreto naquelas obras literárias que, por algum motivo (às vezes vários), carecem da mão de um leitor especialista a orientar o acesso aos correspondentes acervos textuais.

No caso de uma obra como o *Romanceiro* de Almeida Garrett, deparamo-nos com a conjugação de dois motivos. Como já tem sido explicitado com detalhe noutras lugares,¹¹ o que está verdadeiramente em causa nesta edição concreta é o propósito de fixar os 99 poemas que compõem o *corpus* baladístico garrettiano, resultante de um processo de ampliação e atualização decorrentes do feliz acaso que significou o aparecimento, em 2004, da hoje designada Coleção Futscher Pereira. Esta coleção é constituída esmagadoramente por autógrafos garrettianos, entre os quais se contam testemunhos de poemas narrativos já publicados, albergando também um conjunto muito importante de materiais inéditos (mais precisamente 50 poemas e alguns materiais de cariz bibliográfico e teórico sobre o romanceiro, de grande interesse crítico).¹²

11 A título de exemplo, em Sandra BOTO, “A filologia digital em discussão: o caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett”, in Mirian TAVARES e Sandra BOTO (coords.), *Digital Culture — A State of the Art*. Coimbra, Grácio Editor, 2018, pp. 17-34.

12 A relevância da Coleção Futscher Pereira no seio da obra romanística de Almeida Garrett foi alvo de um estudo aturado em Sandra BOTO, *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Uma Proposta de “Edição Crítica”*. Lisboa, tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a

Terminada a *recensio* da obra *Romanceiro* em 2012,¹³ o arquivo textual reunido propunha uma abordagem crítica e genética da obra, combinando os desideratos de fixar a última vontade autoral conhecida sobre cada um dos textos (vulgarmente conhecida como edição crítica) e de apresentar o seu percurso criativo (abordagem genética), consubstanciando-os numa *edição de cunho arqueológico*, diríamos.

Esta *abordagem arqueológica* do romanceiro garrettiano — aplicável aos poemas cujas fontes remontam ao romanceiro tradicional, segundo veremos — procura, através do método já comprovadamente eficaz de Pere Ferré,¹⁴ que assenta no confronto entre as lições textuais garrettianas e as lições referendadas pelas versões oriundas da tradição oral,¹⁵ chegar a uma proposta de arquétipo textual tradicional, isto é, a uma proposta de versão/versões orais que Garrett *pode* ter tido em seu poder e que assumimos terem lançado as bases poéticas para muitos dos seus romances.¹⁶

obtenção do grau de Doutora em Línguas, Literaturas e Culturas — Especialidade de Estudos Literários, 2012, *passim*.

13 Vide S. BOTO, *As Fontes do Romanceiro...*, op. cit., pp. 133-189.

14 Apresentado designadamente nos seguintes estudos seminais: Pere FERRÉ, “Oralidad y escritura en el romancero portugués”, in José JESÚS BUSTOS (ed.), *Textualización y Oralidad*. Madrid, Visor, 2003, pp. 127-156; Pere FERRÉ, “Crítica textual e romanceiro. Breves notas”, in Isabel MORUJÃO e Zulmira SANTOS (coords.), *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto, Edições Afrontamento, 2011, pp. 112-124; e Pere FERRÉ, “Da fixação oitocentista à redescoberta da voz original”, in Pere FERRÉ, Pedro M. PIÑERO e Ana VALENCIANO (coords.), *Miscelânea de estudos sobre el Romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla/Universidade do Algarve, 2015, pp. 223-249.

15 As versões de romances da tradição oral moderna portuguesa utilizadas nesta coleção encontram-se depositadas no *Arquivo do Romanceiro em Língua Portuguesa*. Disponível na plataforma romanceiro.pt, concretamente em <<https://arquivo.romanceiro.pt/>> (última consulta realizada a 25 de junho de 2022).

16 Um exemplo desta *edição arqueológica* digital aplicada ao *Romanceiro* de Almeida Garrett encontra-se já disponível em acesso aberto em João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”. Garrettonline Project, 2022. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#/imgTxt?d=doc_1&p=INT_1851_1&s=FR&e=critical>.

Por outro lado, a organização da edição digital deste conjunto de poemas converge num *arquivo* digital complexo (registre-se o termo arquivo, pois voltaremos a ele adiante), envolvendo uma longa tradição textual impressa e manuscrita, extremamente heterogénea tanto em termos de suportes de escrita como de estádios de elaboração e de fontes, refletindo e acompanhando no tempo o amadurecimento do próprio projeto garrettiano de trabalho e edição da «poesia popular», que o romântico nunca abandonou até perto do final da vida (mais concretamente entre 1823/24 e 1853, provavelmente).¹⁷

2.2. A edição digital do *Romanceiro* e a divulgação do património literário português

Num ensaio de 2007, Luiz Fagundes Duarte refere que «é fundamental olhar para o nosso património cultural como algo que, sendo passado, ainda sentimos como que agarrado à nossa pele [...]».¹⁸ Agarrado à pele, duplamente agarrado, o *Romanceiro* de Almeida Garrett permanece igualmente plasmado no termo *clássico* — um *clássico* que se funde com noções como a de autor canónico ou de obra canónica.

Com efeito, é possível identificar uma dupla aceção patrimonial no *Romanceiro* garrettiano. Vejamos. Sobre a posição consagrada que o autor ocupa no olimpo das letras portuguesas, nada

17 Os testemunhos documentais mais antigos, pertencentes a João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, “Cancioneiro de Romances, xácaras, solaus e outros vestígios da antiga poesia nacional pela maior parte conservados na tradição oral dos povos, E agora primeiramente coligidos por J. B. de Almeida Garrett”. Coimbra, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [manuscrito autógrafa], 1824. Disponível em <<https://am.uc.pt/bibletras/item/46142>> — caderno autógrafa depositado na Faculdade de Letras da UC — datam de 1824 (eventualmente ter-lhe-ão chegado ainda em 1823) e os mais recentes remontam a 1853, embora não se possa excluir que, no último ano de vida, 1854, Garrett ainda possa ter avançado no trabalho com o romanceiro.

18 Luiz Fagundes DUARTE, “Os palácios da memória”, in *Do Caos Redivivo. Ensaios de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2018, p. 22.

cabe acrescentar aqui: ela é sobejamente reconhecida, tendo dado origem muito cedo a uma espécie de *culto garrettiano*, iniciado logo após a morte do autor em dezembro de 1854;¹⁹ de igual modo, a omnipresença de longa data de alguns poemas do *Romanceiro* no cânone poético escolar, sobrevivendo com êxito à sucessão de ideários políticos e estéticos que têm moldado a seleção dos *corpora* literários escolares (presença esta, todavia, sujeita a uma abordagem estanque e cristalizada a merecer uma revisão), também não permite vacilar quanto ao estatuto canônico da obra.

Contudo, um outro sentido patrimonial se combina com este. Atentando na aproximação de uma boa metade dos romances de Almeida Garrett à memória tradicional portuguesa, à memória do romanceiro tradicional que lhe confere as fontes e o suporte à expressão poética baladística, não restam dúvidas em afirmar que nos encontramos perante uma outra forma de se ser pertença comum, de partilha de uma identidade estética fundadora, o que o nosso autor/editor soube explorar com insuperável singularidade romântica.²⁰

Sem dúvida, a responsabilidade na representação eficaz destas duas vertentes patrimoniais não facilita a empresa editorial. Bem pelo contrário. Como congregá-las num só produto?

19 A magna publicação de *Garrett: Memórias Biographicas*, em 1881-1884, pelo biógrafo e amigo de Almeida Garrett, Francisco Gomes de Amorim, marca um ponto-chave neste culto, que se prolongaria pelo século XX (ver F. G. de AMORIM, op. cit.). Outros factos marcantes constituem as comemorações, em 1899, do nascimento do poeta, ou ainda a Exposição Garrettiana de 1904 (organizada por ocasião do cinquentenário do falecimento do autor); a criação da Sociedade Literária Almeida Garrett em 1902, ou ainda a trasladação dos restos mortais de Garrett, em 1903, para o Mosteiro dos Jerónimos (ver, para mais detalhes, S. BOTO, *As Fontes do Romanceiro...*, op. cit., pp. 184-189).

20 Atente-se em como esta dimensão patrimonial nacionalista garrettiana do romanceiro transparece em afirmações como: «O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros.» (João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT, “Introdução”, in *Romanceiro. II. Romances Cavalherescos Antigos*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, p. xiii).

Tenho insistido com frequência que a opção tomada em 2013 pela edição integral em suporte digital do *Romanceiro* de Garrett não se prendeu nunca com questões de impacto na difusão da edição; pelo contrário, resultou de uma ponderação filológica aturada, da qual se veio a concluir que a tecnologia do código (quer do impresso quer do incunábulo eletrónico, o *e-book*) não responderiam satisfatoriamente aos desafios de representação que se pretendia atingir.

Aliás, *representação* é, naturalmente, a palavra-chave, quando nos referimos à edição filológica e, em particular, à digital, na medida em que as possibilidades de representação que o digital coloca à disposição do editor são de tal forma numerosas que se torna necessário abdicar de alguns ângulos de representação sob pena de que o produto editorial se torne ilegível pelo leitor humano. A título ilustrativo: se a edição digital do *Romanceiro* se ativesse à representação da variação ortográfica entre os diversos testemunhos garrettianos dos romances que apresentam tradição manuscrita, o grau de detalhe exigido na representação textual tornaria quase incomportável a tarefa, sem mencionar que talvez se revelasse mesmo desnecessário assinalar todos os acidentes detetados. A não ser, claro, que o objetivo passasse por estudar as oscilações ortográficas em escritores portugueses do século XIX, por exemplo. Contudo, o nosso desiderato não contempla responder a este tipo de particularidades.

Mas nem por isso os objetivos desenhados para esta edição crítico-genética podem anunciar um resultado de aproximação fácil, como, de resto, nunca foi apanágio da representação de textos através dos métodos da Crítica Textual dita também *clássica*, atentando no (passo o pleonasma) aparatoso arsenal de aparatos, notas e apensos que caracterizam este tipo de edição em ambiente impresso e que já obrigavam a permanentes desvios e saltos na sequência leitora.

Em resposta aos detratores simplistas do enunciado hipertextual, acusado de promover a desorientação leitora face ao livro impresso, cumpre lembrar que, em *L'archéologie du savoir*, Michel Foucault, insistindo na noção de hipertexto como conceito, afirma que «les marges d'un livre ne sont jamais nettes ni rigoureusement tranchées». ²¹ Para o teorizador do hipertexto George Landow, isto sucede «ya que [o livro] se encuentra atrapado en un sistema de referencias a otros libros, otros textos, otras frases [...]». ²² Tendo estas premissas em mente, verifica-se como um mero sistema de notas críticas de rodapé ou marginais coincide já com este paradigma de quebra de linearidade imputado à edição digital, anteriormente vigente tanto no códice manuscrito quanto na obra impressa. A ser assim, cabe considerar que as edições críticas impressas já consubstanciam uma certa forma de hipertexto, tendo em consideração a formulação estruturalista do problema. Aliás, munindo-nos de um olhar histórico sobre o assunto, como aquele que induz Landow, observaremos que os incómodos referentes à fragmentação que hoje imputamos ao hipertexto digital já as documentaram os críticos da passagem do códex manuscrito ao impresso. Tal efeito de estranhamento reconhece-se como impulso humano, pois «siempre consideramos naturales las construcciones sociales de nuestro mundo». Trata-se, pois, de uma falsa acusação, a de que a desorientação leitora é apanágio dos vínculos hipertextuais próprios dos canais digitais, «mientras el lector disponga de medios de ordenación [das informações proporcionadas pelo documento digital, bem entendido], sean temáticos u otros culturalmente coherentes [...]». ²³

21 Michel FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969, p. 34.

22 Cito pela seguinte edição espanhola: George P. LANDOW, *Hipertexto 3.0: Nueva edición revisada y ampliada*. Barcelona, Ediciones Paidós, 2009, p. 25.

23 G. P. LANDOW, op. cit., p. 150.

2.3. O mapa conceptual da edição digital

De modo a reduzir o esforço de abstração necessário ao entendimento deste assunto, proponho que incidamos diretamente sobre o mapa conceptual da edição digital do *Romanceiro*, que congrega os desideratos de representatividade textual atrás discutidos:

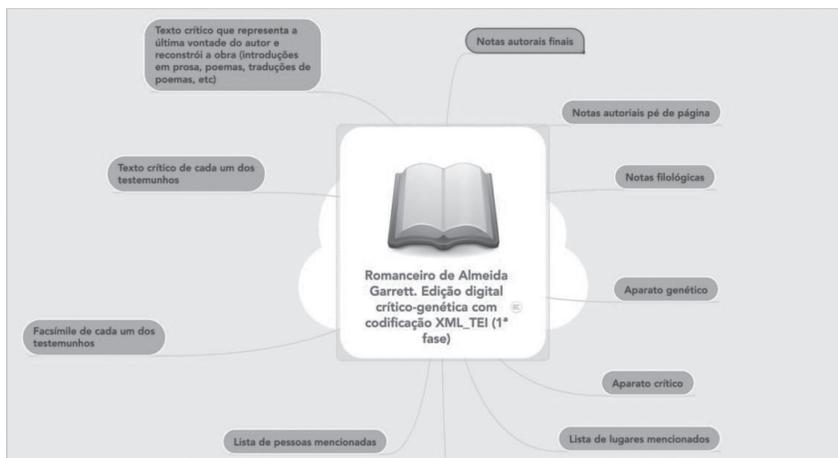


Fig. 1: Mapa conceptual

Em primeiro lugar, como é próprio do meio digital, observamos neste esquema uma organização constelar e não sequencial da informação. Os diferentes componentes editoriais combinam-se numa disposição que abdica da linearidade do fólho e da página e promove a leitura reticular. Por outro lado, este modelo por abstração do problema proporciona a articulação de diferentes objetos no mesmo produto editorial (listas, imagens fac-similares dos testemunhos, aparatos, a edição crítica propriamente dita, a transcrição de cada um dos testemunhos, etc.).²⁴

²⁴ A edição acolhe também uma componente hipermédia experimental pois, embora não surja refletido neste mapa, avançou-se entretanto com a expansão do conceito de texto, através da incorporação de vídeos na edição do romance

Uma segunda consideração relevante que este mapa desencadeia consiste na aferição de que o texto crítico passa a ser *mais* um produto editorial, lado a lado com os outros, embora seja este que, por defeito, se abre aos olhos do leitor quando se ativa a edição, tal como ilustra a figura seguinte.

2. BELA INFANTA

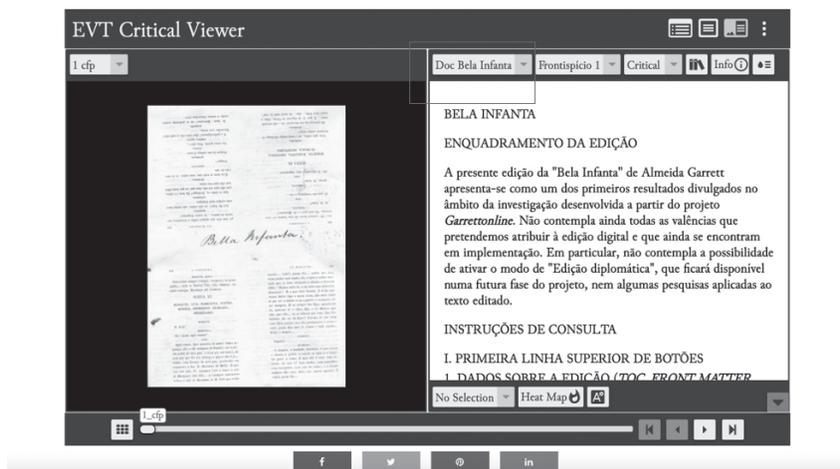


Fig. 2: Ecrã de início da edição do romance «Bela Infanta»

Esta característica aponta desde logo para uma certa supremacia do texto crítico do editor em relação aos demais, ainda em linha com o desiderato de uma edição crítica convencional, mas afastando-se, em todo caso, dos desígnios da mera edição documental que se foque na *editio varietur*, segundo a qual cada documento assume uma total (e não menos acrítica, do meu ponto de vista) preponderância.

“Bela Infanta” com interpretações musicais do mesmo (consultável em João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT. *Garrettonline*: “Bela Infanta”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical>).

3. Características da edição digital do *Romanceiro*

A ligação entre os componentes editoriais realiza-se, num primeiro plano, através de hipertextos, embora, a um nível de maior profundidade, convoque tecnologias mais complexas, como sejam o código utilizado na configuração da edição, em linguagem .json e, de forma muito especial, a linguagem .xml-TEI em que são processados os textos. Com efeito, é através do recurso a este padrão de programação textual, o *TEI — Text Encoding Initiative*,²⁵ que o texto passa a ser enriquecido estrutural e semanticamente, facto que permite a geração de pesquisas avançadas na edição (como sejam a de pessoas e lugares referidos no texto).

Enfim, toda a estrutura editorial de *Garrettonline* assenta na programação .xml-TEI a que cada texto é submetido, sendo que, no momento em que se redigem estas linhas, apenas estão disponíveis três textos na plataforma digital, a saber: «O Anjo e a Princesa» (Livro I), «Bela Infanta» (Livro II) e «D. Gaifeiros» (Livro II).²⁶

Não obstante a aparente natureza técnica deste breve descritivo, que parece abarcar fundamentalmente operações informáticas com reduzido interesse para a construção de pensamento filológico, é aqui que afinal se consubstancia a filosofia editorial do *Romanceiro*. Na realidade, são estas operações que promovem, ao fim e ao cabo, a materialização da edição-arquivo tal como a concebemos e que permitem conjugar todos os elementos expostos no mapa (Fig. 1).

²⁵ *TEI — Text Encoding Initiative*. Disponível em <<https://tei-c.org/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).

²⁶ Consultáveis, respetivamente, em: João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT, *Garrettonline*: “O Anjo e a Princesa”. *Garrettonline Project*, 2021. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical>; J. B. da S. L. de A. GARRETT, *Garrettonline*: “Bela Infanta”, op. cit.; e J. B. da S. L. de A. GARRETT, *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”, op. cit.

Mais: a edição-arquivo aqui proposta (recuperemos agora o termo *arquivo* que atrás ficou em suspenso) concretiza cabalmente o desiderato de transparência que uma edição crítica persegue: o de fornecer a qualquer leitor os materiais que permitam iluminar todas as decisões editoriais tomadas e, se for o caso, contestá-las. Mesmo sem que tenha noção disso, o leitor adquire na edição-arquivo²⁷ um poder quase ilimitado, frente ao editor, que se expõe. E este expõe-se de tal forma que, em obediência às boas práticas atuais de promoção do acesso aberto, o próprio código gerado pela edição de cada texto é ou será desejavelmente fornecido, de modo a permitir a qualquer utilizador visualizá-lo e descarregá-lo. Por outras palavras, a plataforma editorial fornece ao leitor os dados que ela própria gera (Fig. 3).

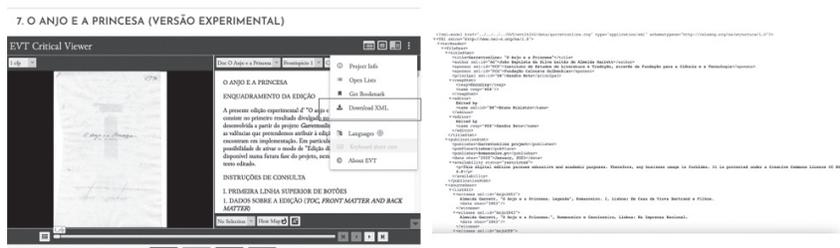


Fig. 3. Exemplo de exportação do código de um romance editado

²⁷ A respeito do conceito de edição-arquivo, Manuel Portela, um dos coordenadores do *Arquivo LdoD*, vai inclusivamente mais longe ao referir-se a uma nova textualidade digital que funde edição crítica e edição documental, fusão que se pretende que possa orientar também a edição digital do Romanceteiro garretiano. Adianta ainda: «Na medida em que permite apresentar em configurações variáveis um conjunto vasto de textos, a textualidade digital permite integrar edição crítica e edição documental de um modo que transcende a tradicional representação bibliográfica da relação entre texto e aparato crítico, proporcionando aos leitores e estudiosos acesso reticular ou hierarquizado a múltiplas formas genéticas e sociais dos fragmentos do LdoD» (Manuel PORTELA, “Nenhum problema tem solução”: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*”: *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1.1 (2013), p. 25).

Regressando ao mapa (Fig. 1), é de reconhecer que a ambição na abordagem editorial digital apresenta reflexos ao nível do *interface*, isto é, da experiência de interação entre o leitor e a plataforma editorial. Dito de outra maneira: é expectável que se verifique uma proporcionalidade direta entre a complexidade dos processos digitais convocados e o aspeto do produto. Contudo, incorreremos numa imprecisão se consideramos que esta complexidade é específica do universo da edição digital.

Para ilustrar com um caso prático: quem nega que manusear uma bibliografia ou um qualquer catálogo bibliográfico impresso implica, por parte do leitor, o domínio de códigos de consulta particulares, que o obrigam a constantes avanços e recuos na consulta do volume, de modo a obter os resultados desejados (uma organização hipertextual da informação, portanto), códigos esses que, ainda para mais, diferem de bibliografia para bibliografia, pois refletem sistemas de organização particulares?

No caso que nos ocupa, a edição digital do *Romanceiro* (que viria a dar corpo ao projeto *Garrettonline*) exigiu um moroso processo de implementação de uma infraestrutura de trabalho, a qual abrangeu a reconversão para ambiente digital tanto dos processos e tarefas próprios da Crítica Textual (um bom exemplo confere a semiautomatização da *collatio codicum*, com recurso ao programa *CollateX*,²⁸ em linguagem Python) como da própria plataforma editorial.

Esta fase preparatória, que ao observador comum pode afigurar-se de um prolongamento excessivo, visto ter decorrido entre 2013 e 2019,²⁹ na realidade reúne em si o trabalho mais delicado,

28 Ronald Haentjens DEKKER (dir.), *CollateX — Software for Collating Textual Sources* (version collatex-tools-1.7.1.jar), 2010-2019. Disponível em <<https://collatex.net/>> (último acesso a 01 de julho de 2022).

29 Iniciaram-se em 2019 os testes na plataforma de visualização da edição selecionada.

na medida em que o critério determinante subjacente a uma edição digital consiste em garantir uma infraestrutura robusta e a aplicação de ferramentas que promovam uma curadoria adequada do trabalho. Foi, portanto, pensada *ab ovo* a infraestrutura digital desta edição, apostando-se em ferramentas *open source*, por forma a limitar a obsolescência do produto editorial, tendo em consideração que estas contam com comunidades que gravitam em seu redor e que as vão atualizando em permanência.

E a que se deve tamanho cuidado? A resposta é simples: todos conhecemos casos de projetos digitais que se esfumam mal termina o financiamento obtido, ou assim que a equipa informática contratada termina a avença. Persiste até um certo prazer em apontar o dedo à fugacidade da materialidade digital, comparando-a com a do papel.³⁰ Por este motivo é que a fase de implementação digital foi encarada com tamanha seriedade ao longo dos últimos anos pela equipa de *Garrettonline*. Sem dúvida, aligeirar a complexidade imposta à visualização da edição no *front end* constitui um desafio a encarar futuramente, mas, nesta fase, o cerne das nossas inquietações reside ainda na robustez e na segurança digital, em detrimento de aspetos estéticos e funcionais.

É preciso reconhecer, no entanto (e há sempre um «no entanto» no mundo digital), que, se a opção por uma ferramenta de visualização da edição de código aberto garante significativas vantagens no que respeita à perdurabilidade do artefacto, também apresenta um reverso

30 É o caso invocado por Antonio Barnés Vásquez, a propósito do *Domesday Book*, um códice do século XI compilado por frades normandos. Ironicamente, o original medieval encontra-se ainda legível, enquanto o megaprojeto de digitalização a que o volume foi submetido tornou-se irremediavelmente obsoleto no espaço de 16 anos. (Cf. Antonio BARNÉS VÁSQUEZ, *Elogio del libro de papel*. Madrid, RIALP, 2014, pp. 24-25).

da medalha. No caso do *EVT* — *Edition Visualization Technology*,³¹ ferramenta instalada que gera a apresentação digital da edição de cada um dos romances de Almeida Garrett, fornecendo à edição as características visuais e de interação que o leitor pode apreciar, é de reconhecer que o editor se depara com um abismo entre a visualização pretendida e a visualização possível, na medida em que esta ferramenta foi pensada para servir um projeto específico, a edição diplomática do *Vercelli Book*,³² a cargo da Universidade de Pisa. Por este motivo, não é possível exigir que a sua aplicabilidade a outros projetos editoriais e, em particular, a tradições textuais tão complexas como a do *Romanceiro*, não contemple perdas. Mais do que perdas de informação, persistem alguns *bugs* informáticos. No caso concreto de *Garrettonline*, verificou-se ainda a necessidade de introduzir umas instruções de consulta específicas de forma a orientar o leitor, previamente, na abordagem da edição.³³

3.1. Relações obra-texto e documento-texto: o caso da «Chacara ao Natal por metáfora de umas cortes»

Embora as especificidades editoriais, bem como as peculiaridades crítico-genéticas de *Garrettonline* tivessem já sido amplamente debatidas,³⁴ cabe incidir aqui sobre a importância do ato de leitura crítica na articulação entre as entidades *obra*, *documento* e *texto*. Não se considera excessivo voltar a este assunto, exemplificado nesta edição, na medida em que, com frequência, as edições digitais são acusadas de abdicarem de sólidos princípios ecdóticos, porquanto

31 Roberto ROSSELLI DEL TURCO (coord.), *Edition Visualization Technology* — *EVT*. (versão 2) [software], 2013-2021. Disponível em <<http://evt.labcd.unipi.it/#>> (último acesso a 01 de julho de 2022). As vantagens aduzidas por esta ferramenta e a sua aplicabilidade ao projeto *Garrettonline* foram já discutidas em S. BOTO, “Combining digital scholarly...”, op. cit.

32 *The Digital Vercelli Book*. BETA. Disponível em <<http://vbd.humnet.unipi.it/beta2/>> (último acesso a 01 de julho de 2022).

33 Instruções reproduzidas, por exemplo, na janela direita da Fig. 2.

34 Remeto novamente para S. BOTO, “Combining Digital Scholarly...”, op. cit.

abarcam processos de remediação. Defendo, pelo contrário, que os processos de remediação digital ativados não guardam qualquer relação com as exigências filológicas que pautam os produtos editoriais digitais nem com o respeito devido ao património textual editado.

Ilustro esta afirmação com o caso seguinte proveniente justamente do *Romanceiro* de Almeida Garrett.

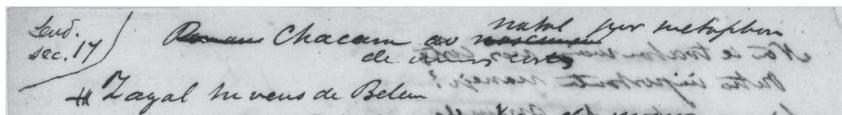


Fig. 4: Cabeçalho do poema «Chacara ao Natal por metaphora de umas cortes» (original em castelhano de D. Francisco Manuel de Melo, publicado em 1665 nas *Obras Métricas*)

O ato de transcrever, segundo afirmava Peter Robinson (independentemente do meio, aduzo eu), assenta necessariamente num processo de leitura que cabe aos editores levar a cabo. Estes comprometer-se-ão a proporcionar o seu «best guess at how the manuscripts might most usefully be read».³⁵ Detenhamo-nos sobre um caso concreto: uma transcrição dos manuscritos do *Romanceiro* que se limitasse a converter em *evento digital* a inscrição garrettiana no topo direito do fólio da Fig. 4 («Lend. Sec. 17»), ou que não retirasse qualquer ilação acerca do processo de substituição do termo «romance» por «chacara» no título do poema que se inicia neste manuscrito, contribuiria de forma muito menos eficaz para o processo de leitura da obra.

Vejamos: a inscrição «Lend. Sec. 17» permite justamente ao editor situar este texto no conjunto dos romances de «Lendas» garrettianas, ao mesmo tempo que mostra que o mesmo foi composto, segundo

35 Peter ROBINSON, “The Digital Revolution in Scholarly Editing”, in B. CROSTINI, G. IVERSEN e B. M. JENSEN (eds.), *Ars Edendi Lecture Series, vol. IV*. Stockholm, Stockholm University Press, 2016, p. 187.

Garrett, no século XVII. A partir de um cruzamento de informações que extrapola a transcrição deste documento, mas que se embrenha no conhecimento crítico da obra, é possível garantir que «Lendas» correspondia ao projetado livro III do *Romanceiro*³⁶ e que o cancelamento do termo «romance», substituído por «chacara», convoca um certo debate interior de Garrett, que lutava para conseguir discernir, no seu *corpus*, subformas do género romance, sendo, segundo o próprio, a xácara o subgénero mais propenso ao diálogo. A hesitação terminológica autoral patente neste título remete certamente para esse debate, que, segundo sabemos, o editor romântico nunca terá solucionado com total satisfação.

Aqui já se começa a definir como a mera transcrição de um cabeçalho de um documento introduz consequências sérias para a definição do próprio conceito de *obra* e de *texto*, que passam pelo de *documento*, mas não se esgotam nele, segundo se observa a partir deste caso. O conhecimento externo e cultural da obra, que advém do seu reconhecimento enquanto património literário de uma comunidade, ou seja, da forma como esta o acarinha e recebe como pertença, revela-se fundamental para o ato de transcrever, pela sua capacidade de iluminar o processo de leitura e, por conseguinte, o de representação do texto.

Posto isto, revela-se oportuno regressar à teorização de Peter Robinson sobre a edição digital, na medida em que a reflexão deste teórico encaixa com a maior adequação no nosso modelo prático de trabalho, ao visitar os conceitos de *documento*, *texto* e *obra*, conceitos que em *Garrettonline* surgem igualmente problematizados, ou não assentasse a obra numa proposta de

³⁶ O próprio Almeida Garrett deixou delineado, na já citada “Introdução” ao *Romanceiro*, II, o plano editorial completo ao abrigo do qual pretendia organizar e publicar a sua coleção de romances. (Cf. J. B. da S. L. de A. GARRETT, “Introdução”, op. cit., p. xlv). Por constituir a sua última vontade expressa conhecida acerca da obra, é por este plano que se orienta a *dispositio* dos poemas no projeto *Garrettonline*.

leitura, numa reconstrução feita a partir de documentos e de textos. Clarifica-nos, então, Peter Robinson, que:

The text is the site of meaning which links the document and the work. The work can never have a fixed physical expression. It can only be apprehended (and ever only incompletely) in the text we construct from the document. The document without the text of the work we construct from it is mute, simply marks on a surface. Our construction of the text of the work, from one document, from a thousand documents, demands all our attention, all our knowledge, all we know of intention, agency, authority.³⁷

O que é um *texto*, portanto, nesta edição digital do *Romanceiro*? Atrever-me-ia a afirmar que um texto passa a ser o somatório de cada um dos produtos contidos em cada dossiê, definido tanto pelos materiais genéticos impressos e manuscritos que deram origem à fixação de determinado poema como por outros recursos auxiliares de leitura (tal é o caso do dossiê «Bela Infanta», que contém, inclusive, recursos multimédia que induzem a dimensão performativa do romance, irremediavelmente perdida na edição em papel).³⁸ Em síntese, contém os documentos (as suas imagens, melhor dito), mas vai muito além destes, devido à combinação de elementos que coabitam em constelação, dispostos na edição por iniciativa da autoridade leitora do editor. Note-se que o produto constelar hipermediático contém em si uma proposta de sentido decorrente da articulação entre as partes que o compõem, segundo proposta apresentada na edição.

Fica claro, a partir daqui, que editar crítica e geneticamente em ambiente digital patrimónios literários não pode consistir apenas em disponibilizar fac-símiles nem tão-pouco se satisfaz com as

37 P. ROBINSON, "Towards a theory...", op. cit., p. 120.

38 Cf. J. B. da S. L. de A. GARRETT. *Garrettonline*: "Bela Infanta", op. cit.

suas meras transcrições, embora a construção de sentidos para um *texto* e para uma *obra*, no fundo, esbarre necessariamente nos limites de conhecimento do próprio editor acerca da mesma, que também se pautam por um desconcertante dinamismo, na medida em que o sucessivo contacto com a obra ampliará, por conseguinte, a sua profundidade leitora. Ou seja: amanhã terei na minha posse mais e melhores chaves de leitura do que hoje, espera-se. Mas guardemos esta palavra, *dinamismo*.

É certo que esta problematização conceptual não é exclusiva do universo editorial digital, mas existirá meio mais adequado para voltar a valorizar a Crítica Textual como um processo dinâmico? Num texto repleto de inquietações já citado, José Manuel Lucía Megías perguntava-se, e perguntava-nos, «cómo mejorar nuestros medios de edición textual, qué nuevas posibilidades nos ofrece la tecnología digital para hacer posible y real algunas de las máximas del neolachmanismo, tal y como lo soñó Contini, que hablaba de la edición crítica ideal como una “hipótesis de trabajo”, como un “trabajo en el tiempo»?³⁹

4. Objetos à procura de uma teoria

Muito se tem apontado o dedo à liquidez do universo digital. Contudo, no caso da edição crítica, esta liquidez, este dinamismo, a abertura de conceitos e das suas relações (o leitor surge agora como um *explorador*), talvez forneçam pistas de extrema utilidade para a concretização da demanda de Contini lembrada por Lucía Megías: a da edição como hipótese de trabalho (a propósito, quantas vezes foi já alterado, em *Garrettonline*, o código da balada «O Anjo e a Princesa», desde o seu lançamento em fevereiro de 2021?).

39 J. M. LUCÍA MEGÍAS, op. cit., p. 98.

Para além do dinamismo associado ao conhecimento do próprio editor, surge também em jogo o do leitor, que se aproxima de uma obra com critérios variáveis, pessoais, que maneja uma obra com diferentes objetivos e pressupostos de partida. A este respeito, novamente se impõe Peter Robinson, ao defender que:

Further, digital editions, which may remake themselves from instant to instant in response to the reader's ever-changing requests, are perfectly adapted to this manner of thinking. They are objects in need of this theory. In contrast, the plausible fixity of print editions may be seen to have encouraged the view which this theory counters, that the work can achieve a knowable fixed form and be expressed forever within the covers of a book. In addition, digital editions may include tools which allow the readers to engage with the work by creating new texts [...] ⁴⁰

Portanto, a edição social à vista na *web* 2.0. Seguindo esta análise da questão, que contributo é possível extrair de *Garrettonline* para a difusão, salvaguarda, leitura e descodificação do património textual português? Com este modelo editorial que pode servir, com as devidas adaptações, a edição digital de outros patrimónios literários, cremos contribuir para a superação da fase do incunábulo digital, etapa tão ou mais dolorosa do que a vivida nos primórdios da era Gutenberg.

40 P. ROBINSON, "Towards a theory...", op. cit., p. 121.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Francisco Gomes de, *Garrett. Memórias Biographicas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 [tomo I] e 1884 [tomos II e III].
- BARNÉS VÁSQUEZ, Antonio, *Elogio del libro de papel*. Madrid, RIALP, 2014.
- BOTO, Sandra, “A filologia digital em discussão: o caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett”, in Mirian TAVARES e Sandra BOTO (coords.), *Digital Culture — A State of the Art*. Coimbra, Grácio Editor, 2018, pp. 17-34.
- , *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Uma Proposta de “Edição Crítica”*. Lisboa, tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Doutora em Línguas, Literaturas e Culturas — Especialidade de Estudos Literários, 2011.
- , “Combining Digital Scholarly Edition with Heritage Literature Representations: Learning from Garrettonline’s Experience”, in Jan HORSTMANN e Frank FISCHER, *Digital Methods in Literary Studies*. Edição especial #6 de *Textpraxis* (2022), pp. 1-18. DOI:10.17879/64059432910.
- DEKKER, Ronald Haentjens (dir.), *CollateX — Software for Collating Textual Sources* (version collatex-tools-1.7.1.jar) [software], 2010-2019. Disponível em <<https://collatex.net/>>.
- DUARTE, Luiz Fagundes, “Os palácios da memória”, in *Do Caos Redivivo. Ensaios de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2018, pp. 13-22.
- FERRÉ, Pere, “Crítica textual e romanceiro. Breves notas”, in Isabel MORUJÃO e Zulmira SANTOS (coords.), *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto, Edições Afrontamento, 2011, pp. 112-124.
- , “Da fixação oitocentista à redescoberta da voz original”, in Pere FERRÉ, Pedro M. PIÑERO e Ana VALENCIANO (coords.), *Miscelánea de estudios sobre el Romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla/Universidade do Algarve, 2015, pp. 223-249.
- , “Oralidad y escritura en el romancero portugués”, in José JESÚS BUSTOS (ed.), *Textualización y Oralidad*. Madrid, Visor, 2003, pp. 127-156.
- FOUCAULT, Michel, *L’archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969.
- GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, “Cancioneiro de Romances, xácaras, solaus e outros vestígios da antiga poesia nacional pela maior parte conservados na tradição oral dos povos, E agora primeiramente coligidos por J. B. de Almeida Garrett”. Coimbra, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [manuscrito autógrafo], 1824. Disponível em <<https://am.uc.pt/bibletras/item/46142>>.
- , “Introdução”, in *Romanceiro. II. Romances Cavalherescos Antigos*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.
- , *Garrettonline*: “Bela Infanta”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical>.
- , *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”. Garrettonline Project, 2022. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#imgTxt?d=doc_1&p=INT_1851_1&s=FR&e=critical>.

- , *Garrettonline*: “O Anjo e a Princesa”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical>.
- LANDOW, George P., *Hipertexto 3.0: Nueva edición revisada y ampliada*. Barcelona, Ediciones Paidós, 2009.
- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel, “Elogio del texto digital 2.0 (¿el triunfo de la segunda textualidad?)”, in Déborah GONZÁLEZ e Helena BERMÚDEZ SABEL (eds.), *Humanidades Digitales. Miradas hacia la Edad Media*. Berlim, De Gruyter, 2019, pp. 90-110. DOI:10.1515/9783110585421-008.
- MANCINELLI, Tiziana, PIERAZZO, Elena, *Che cos'è un'edizione scientifica digitale*. Roma, Carocci editore, 2020.
- MCGANN, Jerome, *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*. Cambridge (Massachusetts) — London, Harvard University Press, 2014.
- PORTELA, Manuel, “‘Nenhum problema tem solução’: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*”: *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1.1 (2013), pp. 9-33. DOI:10.14195/2182-8830_1-1_1.
- ROBINSON, Peter, “The Digital Revolution in Scholarly Editing”, in B. CROSTINI, G. IVERSEN e B. M. JENSEN (eds.), *Ars Edendi Lecture Series, vol. IV*. Stockholm, Stockholm University Press, 2016, pp. 181-207. DOI:10.16993/baj.h.
- , “Towards a Theory of Digital Editions”: *Variants* 10 (2012), pp. 105-131.
- ROSSELLI DEL TURCO, Roberto (coord.), *Edition Visualization Technology — EVT* (versão 2) [software], 2013-2021. Disponível em <<http://evt.labcd.unipi.it/#>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).
- SAHLE, Patrick, “What is a scholarly digital edition?”, in Matthew James DRISCOLL e Elena PIERAZZO (eds.), *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, Open Book Publishers, 2016, pp.19-39.
- TEI — *Text Encoding Initiative*. Disponível em <<https://tei-c.org/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).
- The Digital Vercelli Book*. BETA. Disponível em <<http://vbd.humnet.unipi.it/beta2/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).

(Página deixada propositadamente em branco)